

**FACULDADE JESUITA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTO DE JUVENTUDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

ESCOLA DE CIRCO
Espaço de Socialização de Adolescentes

IOLANDA FERREIRA MACHADO

GOIÂNIA
2008

**FACULDADE JESUITA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTO DE JUVENTUDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADOLESCENCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORANEO**

ESCOLA DE CIRCO

Espaço de Socialização de Adolescentes

IOLANDA FERREIRA MACHADO

ORIENTADOR: Prof. Ms. LOURIVAL RODRIGUES DA SILVA

**Dissertação apresentada ao curso de
Especialização em Adolescência e Juventude no
Contemporâneo, para obtenção do grau de
Especialista em Adolescência e juventude.**

**GOIÂNIA
2008**

Aos adolescentes da Escola de Circo
e às minhas filhas Lara e Bárbara.

“Uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível.
A gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível.
Isso faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo”
Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela minha existência, uma vida de muita luta, mas também de conquistas e de ter me dado forças para conseguir chegar aonde cheguei.

Agradeço à Leile minha querida amiga que acreditou em meu potencial e me possibilitou esse encontro com a Escola de Circo, e ao Valterci por ter falado e me motivado a fazer esta especialização.

Agradeço às minhas filhas Lara e Bárbara pela compreensão e longa espera. Especialmente à Lara (que é adolescente), pois com ela eu aprendi a dialogar com adolescente e colocar em prática as teorias aprendidas.

Agradeço também aos adolescentes da Escola de Circo e a toda a equipe, pois foi com eles que aprendi a trabalhar e especialmente ao meu amigo “Sapeca”, pois ele me ensinou a amar o circo.

Agradeço a Casa da Juventude Pe. Burnier, pois foi lá que eu tive a oportunidade de fazer essa especialização aprofundando meus conhecimentos sobre adolescência.

E não por último, mas de forma muito especial ao prof^o. Ms Lourival, pois aceitou ser o meu orientador, agradeço pela ternura e compreensão com que tem me tratado e pelas orientações dadas, e principalmente por ter entendido a fase um pouco difícil pela qual passei e ter tido a paciência de esperar e não ter desistido de mim.

GLOSSÁRIO

IDF	Instituto Dom Fernando – Especializado nas Temáticas da Infância, Adolescência, Juventude e Família.
E.C	Escola de Circo
UCG	Universidade Católica de Goiás
SGC	Sociedade Goiana de Cultura
IBGE	Instituto Brasileiro Geografia e Estatísticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
Capítulo I - HISTÓRIA NO PICADEIRO	11
1.1. Construção Histórica da Escola de Circo Dom Fernando	11
1.2. História de Circo	15
1.3. Circo Social Como Possibilidade de Novas Práticas Educativas	18
Capítulo II - ADOLESCÊNCIA: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS	21
2.1. Adolescentes ou aborrecentes	21
2.2. Concepção de Adolescentes como Sujeitos de Direito	26
2.3. Quem são os Adolescentes Atendidos pela Escola de Circo	27
Capítulo III - ARTE CIRCENSE – Importante Ferramenta Pedagógica no Processo de Socialização dos Adolescentes	29
3.1. Circo Arte de Fácil Acesso às Camadas Populares	29
3.2. CIRCOLando pela Escola de Circo Dom Fernando	31
3.3. Aprendizagem no Picadeiro	35
3.4. Mágica do Circo Social: adolescentes como produtores e divulgadores de cultura	39
CONCLUSÃO	42
REFERENCIA BIBLIOGRAFICA	48

RESUMO

MACHADO, Iolanda Ferreira. Investigar a importância da arte circense no processo de socialização dos adolescentes na Escola de Circo, analisando como a expressividade juvenil é potencializada dentro do circo. Ano 2008. 50 paginas. Curso Especialização em Adolescência e Juventude no Contemporâneo. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia Rede Brasileira de Centros e Instituto de Juventude. Goiânia 2008

Este trabalho tem o objetivo de investigar a importância da arte circense no processo de socialização dos jovens atendidos na Escola de Circo, tendo como foco verificar como a expressividade juvenil é potencializada. Como resultados percebemos que a Escola de Circo possui um significado muito grande na vida desses adolescentes. Isto se deve ao fato de que a arte circense proporciona encantamento e desafios para eles. Essa arte possibilita muitas portas de entrada, onde podem optar por aquela que melhor encaixa em seu perfil. Outro aspecto que é desafiante é que a arte circense proporciona ao adolescente a oportunidade de mostrar para o público o seu resultado, podendo ser em grandes espetáculos, ou pequenas apresentações. As apresentações que são oferecidas ao público é uma forma de diálogo, é através delas que é aberto um canal de comunicação com a comunidade local. Na escola de Circo os adolescentes aprendem através da ludicidade, pois o ambiente proporcionado é sempre festivo e brincante.

PALAVRAS CHAVES: Adolescente, socialização e arte circense.

INTRODUÇÃO

O processo de escolha do tema se deve a minha experiência como pedagoga da Escola de Circo e a importância desse projeto na minha realização pessoal e profissional. Ao escrever este trabalho me propus a discutir a importância da Escola de Circo enquanto espaço de arte relevante na socialização para a vida dos adolescentes.

Assim para construção desta monografia optei pela observação das atividades desenvolvidas pelos educadores, observação do grupo de adolescentes e as reações dos mesmos e através de conversas. Outra fonte foi a pesquisa nos relatórios, nos projetos, nos planejamentos anuais, relatórios e também no diálogo com os responsáveis pela instituição. Uma que foi de grande importância foi a observação nas fichas, e nos instrumentos de avaliação realizado com os adolescentes, pais e também com os estagiários. Foi a partir destes elementos que construímos essa monografia

Portanto este trabalho resulta de uma pesquisa bibliográfica e empírica, uma vez que esse projeto é vivenciado no cotidiano do Programa Escola de Circo do Instituto Dom Fernando, localizado na periferia da região leste de Goiânia.

Para melhor esclarecimento da beleza desse espaço, proponho no primeiro capítulo fazermos uma viagem pelos picadeiros do mundo, desde o início, quando esta arte milenar tornou-se espetáculos que aconteciam nas feiras e que depois se tornou uma alternativa para a atuação de projetos sociais que ficou conhecido como “Circo Social”, e sua importância enquanto proposta pedagógica no trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes das camadas populares.

O segundo capítulo aborda questão da adolescência e como ela é vista por alguns autores, de que forma ela é vivida pelos adolescentes e percebida pela sociedade como um todo. Através desse estudo pode-se perceber em qual concepção de adolescência a proposta da Escola de Circo esta inserida.

No terceiro capítulo discorreremos sobre a importância da arte circense enquanto ferramenta mediadora no processo de socialização dos adolescentes e como o circo se insere enquanto equipamento cultural para as classes populares, uma vez que ela é uma arte de fácil acesso. Após discutiremos sobre a proposta pedagógica da Escola de Circo e como esta é aplicada para os adolescentes atendidos, bem como eles aprendem e o que resulta essa aprendizagem.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DO PICADEIRO

Antes mesmo de falarmos sobre a escola de circo enquanto espaço de socialização de adolescentes na Região Leste necessário se faz contextualizarmos um pouco a história dessa Escola de Circo, como surgiu a idéia desse projeto, qual a sua origem e porque da opção de se trabalhar com arte circense e não qualquer outra arte.

1.1. CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA DE CIRCO

No final da década de 50 a Arquidiocese de Goiânia cria a Sociedade Goiana de Cultura – SGC, instituição de natureza católica e filantrópica, sendo a mesma mantenedora da Universidade Católica de Goiás – UCG.

Essa instituição visa à educação, à cultura e a formação humana, tendo como finalidade a preocupação com o bem estar social da população mais desfavorecida. Sociedade Goiana de Cultura cria em 1995 o Instituto Dom Fernando - IDF, que por sua

vez tem como foco contribuir para a construção da cidadania e a luta pela justiça social, através de ações sócio–educativo-culturais.

Nessa perspectiva as ações do IDF foram centralizadas em uma região cuja população era bastante carente de ações sociais, e desprotegidas de direitos sociais e humanos. Dessa forma os bairros Dom Fernando I e II, Jardins das Aroeiras I e II e Jardim Conquista, localizadas na Região Leste passam fazer parte dessas ações.

Para a realização dessas ações foi elaborado um projeto, o qual se originou com o nome de Projeto Meia Ponte que tinha como objetivo geral:

Prestar assistência às famílias assentadas nas áreas de abrangências do projeto, que hoje vivem em precárias condições sociais, em especial aos menores, aos idosos e inválidos, oferecendo-lhes os meios apropriados para que possam desenvolver suas aptidões e potencialidades, de modo a converterem nos próprios agentes de transformação sócio-econômicos e cultural das comunidades em que estão inseridos” (Plano de Gestão do Instituto Dom Fernando 2003-2006).

A escolha desse nome se deu pelo fato de que as pessoas que seriam beneficiadas pelas ações do projeto moravam nos bairros próximos ao Rio meia, e também tinha a alusão simbólica de que o Instituto Dom Fernando construiria a metade da ponte e a outra seria construída pela população atendida. Para tanto o projeto apresentou várias frentes de ações que se tornaram geração de emprego e renda, trabalho com meio ambiente, a promoção da saúde e educação.

Após estudos realizados, percebeu-se que esta região havia muitas crianças e adolescentes, que segundo os moradores praticavam atos de vandalismo, depredando os colégios e casas. Com a intenção de amenizar o problema o IDF opta então para trabalhar com a arte circense no processo de inclusão social dessas crianças e adolescente, os quais sofriam processo de marginalização e abandono. A opção metodológica de se trabalhar com circo, levou-se em consideração as diversas

experiências exitosas de circo social no processo de resgate de crianças, adolescentes e jovens das camadas populares.

Inicialmente o projeto começa o atendendo 50 adolescentes as quais se encontrava em estado de drogadição. As reuniões iniciaram-se debaixo de uma arvore, no meio da praça, até então abandonada. Após esse período na praça, eles conseguiram passar suas atividades para o centro comunitário, o qual funcionou por mais um tempo, até o IDF conseguir, através de convênios com o poder público Federal, Estadual e Municipal recursos para iniciar a construção do espaço do circo, bem como contratação da equipe de trabalho.

Com a não renovação dos convênios os recursos vão acabando e a situação da Escola de Circo fica bastante precária, uma vez que faltam recursos humano e financeiro, mas o atendimento às crianças e adolescentes não pára.

Percebendo a situação a SGC, contrata quadro de funcionário fixo para o E.C. Com essa nova equipe, amplia-se o número de atendimento, passando de 50 para 280 e também o foco não é mais atividade circense, ampliam-se as modalidades (capoeira, teatro, ginástica acrobática, dança do ventre, axé e outros.) e passam também a atender jovens e adultos.

No final de 2002, Dom Antônio, arcebispo de Goiânia, aposenta-se e entra Dom Washington. Com a troca de Arcebispo, muda-se também, o presidente da SGC. Mudanças estas também sofridas pela UCG, pois houve troca também do Reitor e seus assessores. Com essa nova estrutura, conseqüentemente, o IDF também tem sua diretoria substituída.

Nessa fase o instituto passa por uma reformulação e a nova diretoria elabora o Plano de Gestão 2003/2006, e prepara o Instituto para deixar de ser mantida da SGC e

assim começa um período de transição do IDF. Após vários estudos da comissão de transição em 2004, o IDF passa de mantida da SGC para ser um dos programas da Pro - Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil. No segundo semestre de 2004 ele é formatado com nova identidade, pois a partir de então passa a ser: Instituto Dom Fernando – Especializado nas temáticas da Infância, Adolescência, Juventude e Família.

As mudanças também são sentidas no âmbito da Escola de Circo, como conseqüência ela busca se redimensionar para entrar na Universidade. A primeira questão posta era: que tipo de educação estava sendo oferecido na EC e em que bases teóricas ela se fundamentava. Dessa forma começa então o processo de construção do Projeto Pedagógico, que até então a Escola não possuía. Com relação à equipe iniciam-se os estudos que busquem compreender melhor a concepção de infância e a questão da educação popular. Intensifica-se a discussão dos direitos das crianças, buscando os fundamentos no Estatuto da Criança e Adolescentes.

O foco principal da E.C passa então a ser as crianças e não mais os espetáculos, como se apresentava até o momento. Nessa fase, a arte circense volta a ser a centralidade das atividades. A partir dessas mudanças a Escola de Circo deixa de atenderem jovens e adultos e se solidifica no atendimento de crianças e adolescentes.

Conclui-se que a Escola de Circo passou por vários momentos desde sua criação, mas que ao longo desses anos ela conseguiu garantir, apesar de todas as dificuldades, o atendimento de crianças e adolescentes das camadas populares da Região Leste de Goiânia.

1.2. História de Circo

Circo é arte, é magia, é encantamento e por que não dizer... Poesia. E por acreditar que circo é tudo isso que o Anhiuqepas criou essa poesia, a qual fala da história do circo em versos:

Eis aqui a história do circo,
Com muita sabedoria e clareza:
Registradas em pinturas milenares,
Descobertas em terras chinesas.
Guerreiros repletos de vontade...
Treinavam com muito afincio e certeza:
Contorcionismo e acrobacias,
Equilibrismo sobre chamas acesas
Tudo em busca de muita força,
Flexibilidade, agilidade e destreza.

Enquanto isso lá no Egito,
Os faraós exaltavam sua braveza
Exibindo animais ferozes e selvagens
Nos desfiles militares da nobreza
Porém, nos jogos olímpicos da Grécia.
Tinham números de muita graça, força e fineza
Que se somaram aos saltimbancos
Ciganos e sua arte-esperteza
E dessa mistura toda, nasceu o circo!
Um espetáculo repleto de muita graça,
Magia e beleza M.A. J – Ahniuqepas (2007, p.13)

Como a tradição era passada de geração para geração de forma oral, falta-nos literatura para pesquisa sobre o tema. Mas em compensação existem muitas pessoas apaixonados pelo circo que escrevem artigos, publicações em revistas, jornais, internet, relatos e depoimentos de pessoas que viveram ou ainda vivem no circo, de acordo com Bolognese (2003, p.11), dentre as artes cênicas, a circense não tem tradição de pesquisa, no Brasil. A partir da década de 1980, o circo começou a chamar a atenção de instituições e de pesquisadores.

Quando foi descoberta a pintura há quase 5.000 anos na China, nas mesmas apareciam acrobatas, equilibristas e contorcionistas, desta forma pode-se dizer que as

artes circenses surgiram neste país. Nas pirâmides do Egito foram encontradas pinturas de malabaristas e paradistas. Os primeiros domadores foram caracterizados nos grandes desfiles militares, onde os faraós exibiam ao povo, os animais ferozes, trazidos das terras conquistadas. Já os saltos e contorções têm origem na Índia, o equilíbrio mão a mão e contorcionismo faziam parte das modalidades olímpicas, originados da Grécia. Dessa forma podemos verificar que a arte circense há milhares de anos já fazia parte da cultura de vários povos. Os artistas improvisam suas apresentações e os espetáculos aconteciam nas praças, feiras, ruas e nas portas das igrejas.

De acordo com o historiador Bolognesi (2003) por volta de 1770, um oficial inglês, Philip Astley mistura espetáculos eqüestres que possuía o rigor dos militares com a arte dos saltimbancos, equilibristas, palhaços e saltadores. Sua grande contribuição para a história de circo foi a criação do picadeiro com arquibancadas, espécie de anfiteatro que ficaria fixo. Ao longo dos anos foi acrescentada a esses espetáculos a dança com laços, malabarismo e saltos acrobáticos, e figura do palhaço continuava a fazer sucesso e dessa forma começaram a criar outras situações inovadoras para essa figura.

Em pouco mais de 50 anos houve um rápido crescimento do circo. E milhares de pessoas do mundo todo vão conhecer o circo Astley's Amphitheatre que foi o primeiro circo europeu. Por muito tempo ele reina soberano, até por volta de 1782, Charles Hyghes cria o circo Royal Circus, e a termo circus é utilizado pela primeira vez. No do século XIX havia mais circos permanentes pelas cidades européias, mas também existiam circos ambulantes que percorriam as cidades. Já as terras americanas foram ter um circo em seu território somente em 1792, quando o John Bill Ricketts excluição pelo nordeste americano.

Com a perseguição dos ciganos em terras européias, eles vêm para o Brasil. Entre suas inúmeras habilidades fazem ilusionismo, exposições em cavalos e doma de ursos. Quando o Circo Asthey, por fins do século XIX, chega ao Brasil já encontram os ciganos fazendo suas artes. O circo chegava e se instalava nas periferias das grandes cidades, sempre voltado para as classes populares.

O circo brasileiro muda um pouco as atrações tradicionais, a figura do palhaço era diferente do palhaço europeu, o nosso falava mais, e fazia o tipo de malandro, tocador de violão e possuía um humor mais picante. Mais também diferente era o público, uma vez que o espectador brasileiro preferia assistir as atrações de animais selvagens e ferozes, gostava dos trapézios o contrário do europeu que iam ao circo apreciar a arte.

A cultura circense era repassada de pai para filho, a forma de transmissão era oral, e não se preocupavam de escrever as suas vivências. Os circos tradicionais, que eram formados por grupos familiares, o que sabiam transmitia os outros membros e esse conhecimento familiar era a base da organização do circo, o que aprendia era o suficiente para montar um circo e fazer apresentações.

Tudo que a criança aprendia de valores, conhecimentos e práticas eram apreendidos no seio familiar, e ela era a herdeira desse saber e assim era garantida a continuidade do circo tradicional, e essa aprendizagem começava desde o seu nascimento, sendo responsabilidade sua de ensinar a geração seguinte. E todos tinham uma ocupação, sejam nas apresentações, sejam na organização, todos tinham obrigação de saber fazer alguma coisa, pois sempre havia o que aprender dentro de um circo.

Forma de transmissão oral do saber circense fez desse mundo particular uma escola única e permanente. A diretriz dessa aprendizagem determinou a formação de um artista completo, pois cada indivíduo fazia parte de uma

comunidade cuja sobrevivência dependia de seu trabalho. Um “artista completo” tinha a capacidade de desempenhar várias funções dentro do espetáculo, além de ter conhecimento (e prática) de mecânica, eletricidade, transporte; podia atuar como ferramenteiro, ferreiro, relações públicas e, por fim, armar e desarmar o circo. (Silva, 1996, p.46).

Apesar da pouca literatura, podemos perceber que existem pessoas preocupadas em divulgar essa arte. Através da pouca, mas rica literatura foi possível conhecer um pouco a história do circo e sua organização e como ele foi se constituindo ao longo da história.

De posse dessas informações, a partir de agora iremos verificar como as artes circenses foram se expandindo para além das lonas do circo e quando essa arte começou a fazer parte dos projetos sociais e se fazer escola e como estas se multiplicaram Brasil a fora.

1.3. Circo Social como possibilidade de construção de novas práticas educativas.

Apesar de a arte circense ser milenar e divulgada mundo afora, a pesquisa referente a esse tema é um pouco restrita devido essa cultura ter sido passada oralmente de pai para filho, então existem poucos registros.

Ao contrário da Comédia Dell’ arte, em que os cômicos italianos preocupavam-se em escrever seus enredos e roteiros, os circenses assim como na cultura indígena, mantiveram seus saberes na forma oral, passando-os de pai para filho, de geração em geração, o que leva-nos a perceber que dentre as artes cênicas, a circense não apresenta tradição de pesquisa. Para que a magia do circo continue, surgem na década de 80 as chamadas escolas de circo (JESUS.2007, p.9)

Segundo a pesquisadora Carolina de Senna Figueiredo a primeira escola de circo no Brasil nasce em 1977, em São Paulo com o nome de Academia Piolin de Artes

Circenses e permaneceu até 1983. Em 1984 surge uma outra escola que foi responsável pelo surgimento de diversas trupes circenses e dela foi surgindo grandes artistas no Brasil, que a escola Circo Escola Picadeiro.

A Escola Nacional de Circo, criada em 1982 é a primeira e única escola a ser mantida pelo Ministério da Cultura. A partir de então as experiências não param de surgir pelo país afora (Recife, Salvador, Goiânia, Belo Horizonte, entre outras), formando profissionais e contribuindo para a multiplicação de profissionais e divulgando a linguagem circense.

Com os surgimentos dessas escolas os jovens de todas as classes sociais têm oportunidade de aprender as técnicas dessa arte milenar e conseqüentemente os seus segredos. Assim ocorre a multiplicação das escolas, uma vez que os jovens formados vão trabalhar em circos nacionais ou mesmo internacionais, ou optam por montar seu próprio grupo para fazer apresentação nas praças, teatros, colégios ou mesmo na rua, e para aqueles que têm condições montam seu próprio circo.

Neste estilo existem vários grupos, podemos citar os Parlapatões, Patifes e Paspalhões, Circo Mínimo, Acrobáticos Fratelli, pois não podemos esquecer que o circo vive e, como toda a vida, se transforma e se renova (CASTRO, 2003, p.31)

Com a ampliação dos conhecimentos circense para outras pessoas que não fosse propriamente do circo, as atividades circenses foram ganhando visibilidade além das lonas e chegando até as escolas, conforme podemos verificar com Figueiredo.

Outra novidade foi o aparecimento dos projetos sociais que se utilizam do circo como instrumento pedagógico, e que não necessariamente dispõem de lonas ou de uma estrutura parecida, mas produzem espetáculos,

ensinam números de circo e envolvem e contribuem para a melhoria de muitas vidas(FIQUEIREDO, 2007, p.33)

Na década de 80 começa o surgimento de projetos sociais que utilizam a arte circense como uma alternativa pedagógica de se trabalhar a educação de crianças e adolescentes das camadas populares, surgindo dessa forma o que se denomina de Circo Social.

O Circo Social vem se expandindo e se reafirmando, através de uma pedagogia lúdica, como espaço fecundo onde é possível fazer o enfrentamento de diversas situações de risco a que estão submetidas crianças e adolescentes. O Circo Social vem também consolidar, através de sua prática pedagógica, a possibilidade para garantir os direitos das crianças e adolescentes.

Diversas experiências se multiplicaram pelos pais afora, como o Projeto Axé da Bahia, o *Projeto Circo Baixada*, na Baixada Fluminense, o *Circo das Bromélias*, no Rio de Janeiro, dentre outros, todas elas partem de uma perspectiva de arte e educação com o objetivo de envolver crianças e adolescentes e famílias das camadas populares.

E nesse contexto de circo social em que se insere a proposta da Escola de Circo Dom Fernando, a qual desenvolve trabalho com crianças e adolescentes das camadas populares. Faz-se necessário, antes de conhecermos esse trabalho, situarmos aos leitores que o foco desse trabalho é os adolescentes. Nesse propósito no próximo capítulo iremos discutir um pouco a concepção de adolescentes e conhecer em qual concepção a Escola de Circo opta por trabalhar.

CAPITULO II

ADOLESCÊNCIA: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS

Neste capítulo propomos fazer uma discussão referente à adolescência, uma vez que quando se propõem a trabalhar com determinada faixa etária é necessário conhecer os principais teóricos que tratam a respeito do tema e quais as concepções que se discutem. Pois somente assim teremos condições de fazer uma análise mais detalhada e poder situar em quais concepções de adolescência o trabalho está sendo realizado.

2.1. Aborrecentes ou adolescentes?

Existem várias teorias que tratam da questão da adolescência. Vários autores se referem à adolescência como um período extremamente doloroso e de grandes sofrimentos psicológicos, reforçando a visão de instabilidade daquele que está passando por essa fase, Stanley Hall considera uma época como um período de

“tormenta”, dominada pela “angustia”, confusão e alterações psíquicas”. No entanto há teorias nos mostram outra visão, tais como a teoria antropológica de Margaret Mead e a teoria Psicanalítica Erik H. Erikson, dentre outras.

Na perspectiva sócio-histórico, a qual concebe o homem como um ser sócio-histórico, constituído em seu movimento nas relações sociais, o adolescente precisa ser considerado como um sujeito social, cultural, político e histórico. Não podemos falar de adolescente como um fato isolado, é preciso inseri-lo no contexto o qual ele convive e reconhecê-lo como sujeito de direito, capaz de construir seu próprio projeto de vida.

Observamos teorias psicológicas sobre a adolescência e várias concepções sobre o tema. Existe visão universalizante, a naturalista, e concepção histórica e social. Para alguns estudiosos a adolescência deveria ser vista como uma etapa qualquer, sem grandes alardes, assim como é feito com a idade adulta e a passagem para a velhice, pois segundo Carvalho:

A adolescência possui características que a definem, não necessitando ser considerada apenas um período de transição entre a infância e a idade adulta. Enquanto etapa de desenvolvimento caracteriza-se por uma serie de transformações, envolvendo fatores biológicos e culturais” (Carvalho, 200, p. 12).

É fato que os indivíduos nessa fase passam por transformações, pois o seu corpo está em desenvolvimento, cada um com suas característica, sendo que estas transformações perpassam por várias dimensões, que é determinado por fatores biológicos, culturais e sociais. “Um indivíduo desenvolve sua próxima fase logo que esteja biológica, psicológica e socialmente pronto, devendo ainda esta prontidão individual ser acompanhada da prontidão social” (Campos, 2002, p. 86).

A adolescência não é apenas um período obrigatório é um momento de profundas transformações, rupturas. É um momento de produção se o considerarmos

como sujeitos de direitos e capazes de poder contribuir para uma sociedade mais humana.

Por isso, tomar a decisão de pensar o adolescente do ponto de vista de sujeitos é pensá-lo a partir de sua capacidade de construir e participar coletivamente da produção da sociedade e da cultura, mesmo que seja de forma mais contraditória imaginável (Debortoli, 2003, p. 38).

As mudanças às quais os adolescentes passam são extremamente complexas do ponto de vista da construção da sua identidade, pois primeiramente ocorrem as mudanças corporais, psicológicas, além do desenvolvimento físico interno e externo, o adolescente também sofre mudanças a nível social. Ele passa por vários transformações/problemas quando chega à fase em que vai deixando de ser criança. Além de sofrer as transformações de seu próprio corpo, onde começa a ocorrer as maiores mudanças físicas: crescimento de pêlos, crescimento do corpo, aumento do peso, espinha, mudança de voz e momento que amadurecimento sexual, ainda precisa enfrentar os múltiplos olhares que estão observando-o constantemente e cobrando dele uma postura de adulto. Estas mudanças corporais são visíveis, não restando a ele alternativa a ser enfrentá-las.

É preciso compreender a adolescência e os desafios que são imposta para eles na construção de sua identidade. É por muitas vezes essa compreensão não existe na própria família, alguns pais negam-lhes esse apoio, pois ainda os vêem ora como crianças, ora como adultos, e cobram deles responsabilidade que ainda não foram ensinadas. Os pais têm dificuldade de aceitar essas mudanças, pois percebe que suas crianças estão se tornando mulheres o homens. Quando ocorre essa incompreensão por parte dos pais, essa passagem para a adolescência tende a tornar-se mais difícil para eles (as), pois este também está questionando a si próprio: “que adulto vou ser?”

Será que não vou parar de crescer? Ou será que não vou crescer? Quem eu sou?”.

Segundo Dinah Campos:

Quando a criança amadurece, fisicamente, para se tornar adulto, experimenta um crescimento rápido, com importantes modificações na atômicas e psicológicas. A confiança no corpo e o domínio de suas funções são, subitamente, abaladas, na puberdade, e precisam ser reconquistados, gradualmente, pela própria reavaliação deles. O adolescente procura a segurança em seu grupo de companheiros de idade, que se acham, também, em fase de mudanças e de busca de aprovação (CAMPOS:2002:87)

Para quem trabalha com educação é preciso partir de uma compreensão de que os jovens são sujeitos capazes e que precisam ser compreendidos. Nessa fase ele passa não somente por mudanças corporais, mas psicológicas e sociais, pois está deixando de ser criança, mas também não é um adulto. É a fase em que começa a reformular sua vida, é um processo interpessoal é nessa mudança de identidade que iniciam as mudanças de comportamento, o que vem influenciar em suas relações sociais. A mudança que causa mais impacto é a relação com os pais, pois em determinado momento os pais estão quase que “excluídos” de suas vidas, pois eles procuram os seus iguais para conviver e precisam dessa interação:

Os companheiros de idade, a roda de amigos e a turma ajudam adolescente a encontrar sua própria identidade em um contexto social. O sentimento de participação no grupo, nas rodas de adolescente é forte e determina um sentimento de clã e intolerância para com as diferenças, inclusive aspectos mínimos de linguagem, gestos, modos de vestir.
(Campo,2002, p.89)

Quando o adolescente encontra na família uma base psicológica equilibrada onde possa também fazer parte na tomada de decisão e encontra apoio afetivo, e os conflitos são compartilhados e resolvidos em conjunto eles vão amadurecendo mais confiantes mais responsáveis.

Aberatury (1992) nos convida a fazer uma importante reflexão quando nos faz perceber o outro lado do problema quando ocorre o conflito: isto é, a não aceitação, por parte dos pais, do crescimento de seus filhos. Ela nos faz perceber que consciente ou inconsciente por trás está uma sociedade perversa que não aceita mudanças.

O problema mostra assim o outro lado, escondido até hoje debaixo do disfarce da adolescência difícil: é o de uma sociedade difícil, incompreensível, hostil e inexorável, às vezes, frente à onda de crescimento, lúcida e ativa, que lhe impõe a evidencia de alguém que quer atuar sobre o mundo e modificá-lo sob a ação de suas próprias transformações (Aberastury e Knobel,1992, p.16)

Nesta vertente é mais fácil, tanto para os pais, quanto para a sociedade jogar a culpa nos adolescentes do que enfrentar a própria realidade. Alguns pais, muitas vezes, sem perceber, ou então por desconhecer também faz este jogo. Ao invés de aceitar e tentar compreender estes jovens, na maioria das vezes eles também se isolam, aumentando de autoridade sobre seus filhos, tornando dessa forma mais dolorosa a relação neste processo.

Além dos conflitos internos, o adolescente precisa enfrentar os problemas de ordem familiar e social, portanto é cobrado de todos os lados, a incompreensão é quase generalizada. Não tendo como solucionar tudo isto, não resta alternativa a não ser rebelar-se contra essas forças que usam do poder/autoridade que querem exercer sobre ele. Segundo Debortoli (2003, p.33)

Vivemos marcados por uma trajetória de vida, por uma estrutura social injusta e organizada de forma autoritária, que a todo tempo nega e destrói a identidade dos sujeitos que, nas suas singularidades, buscam, muitas vezes de forma contraditória – droga, violência, desafio aos pais e à polícia, máscaras, medos, sonhos etc , encontrar sentido e significados para suas existências (Debortoli:2003:33).

O adolescente vive em uma sociedade cruel e injusta, onde o melhor, sempre é o vencedor, uma sociedade que renegam suas origens, onde banaliza a violência, o

desrespeito ao outro, a barbárie é generalizada, não há lugar mais para o “humanismo” onde a palavra ética existe somente no papel e os direitos não são respeitados.

Na grande maioria dos conflitos, os adolescentes estão querendo nos dizer que eles também têm seus valores e possuem opinião própria, e ao rebelar está nos dizendo que despreza os valores que essa sociedade está lhe impondo, e que não aceita esta imposição. Muitas vezes usa a rebeldia para expressar sua indignação contra o que está posto como imutável e também como defesa própria.

A sociedade em que vivemos, com seu quadro de violência e destruição, não oferece garantias suficientes de sobrevivência e cria uma nova dificuldade para o desprendimento. O adolescente, cujo destino é a busca de ideais e de figuras reais para identificar-se, depara-se com a violência e o poder e também os usa. (Aberastury e Knobel, 1992, p. 19)

2.2. Concepção de Adolescentes como sujeitos de direito

É necessário pensar qual a concepção que temos desses adolescentes, o qual é o sujeito de estudo. É preciso cuidado quando nos referimos a eles como “aborrecentes”, quando julgamos que “não sabem o que querem”. Qual tipo de educação estão sendo oferecido a eles?. Como encontrar uma resposta para lidar com essas questões

Nos estudos e reflexões até o momento, através de pesquisas, não existe outro caminho a não ser uma concepção de educação que concebe as crianças e adolescentes como sujeitos de direito, uma educação mais humana em que os direitos deles sejam respeitados, um projeto de educação onde eles possam desenvolver todas suas potencialidades e sejam protagonistas de seu projeto de vida.

Quem trabalha com crianças, adolescentes e jovens precisa propiciar espaço e criar circunstância para que os valores sejam restabelecidos. Criar oportunidades onde

eles se sintam valorizados, reconhecidos, respeitados, onde possam dar asas a sua imaginação e que produzam coisas que sejam significativas em suas vidas, espaço onde tenham condições de dialogarem com o outro, expressarem seus sentimentos e resolverem seus próprios conflitos.

Já conhecemos um pouco a história do circo tradicional, viajamos um pouco pelo circo social e discorreremos referente à questão da adolescência, e foi possível, também, perceber, qual concepção em que se insere a proposta da Escola de Circo, agora iremos conhecer um pouco quem são esses adolescentes atendidos pela escola.

2.3. Quem são os adolescentes atendidos pela Escola de Circo.

A Escola de Circo trabalha com adolescentes que vivem em uma cidade que tem mais de 1.093.007 milhão de habitantes-censo – IBGE (2000), desse total, segundo dados do mapa de exclusão social da cidade de Goiânia (2004), 203.299 pessoas vivem em situação de pobreza absoluta e esse total vem a equivaler 18, % de sua população.

Goiânia é constituída, segundo censo 2000 (BRASIL 2000) por 49,2% de adultos (20 a 49 anos), 19,8% por adolescentes e jovens (10 a 19); por 16,7% de crianças (0 a 9); e por 14,2% de “idosos” (a partir de 50 anos).

Os adolescentes da Escola de Circo se inserem em um contexto de exclusão, o que não foge à regra, de muitos adolescentes brasileiros, onde suas famílias são extremamente empobrecidas e passam por diversas dificuldades, entre elas está a falta de emprego dos pais, subemprego, violência nas ruas e violência doméstica, escolas públicas com ensino deficitário, falta de creche para as crianças e os problemas com as drogas, entre outros.

Como a maioria dos bairros periféricos não há opção de lazer e cultura, cada um procura se divertir como pode, é festinha na casa dos amigos, no colégio, passeios na feira local, cinema (muito raro). Vão ao circo quando tem algum na região. Dos passeios oferecidos pela Escola de Circo, o que eles mais gostam é de irem para o clube.

A Escola de Circo atende um grupo de 50 adolescentes com faixa etária entre 12 a 16 anos, deste total atendemos 27 meninos e 23 meninas. Todos são atendidos no período vespertino, e participam das atividades terça e quinta-feira. Para os adolescentes que já decidiram qual (ais) equipamento (s) que preferem e que querem formar um “número”, tem a oportunidade de irem aos sábados participar da oficina do espetáculo.

CAPITULO III

ARTE CIRCENSE

Uma Ferramenta Pedagógica no Processo de Socialização dos Adolescentes

A Escola de Circo Dom Fernando trabalha com uma educação diferenciada onde a aprendizagem ocorre debaixo de uma lona, de forma brincante e mágica. Convido aos leitores para entrarem nesse picadeiro e conhecer um pouco a contribuição da arte circense no processo educativo com adolescentes das classes populares.

3.1. Circo – Arte de fácil acesso às camadas populares

Segundo observações feitas por Dayrell (2005) os bairros populares não possuem opções de lazer e cultura, uma vez que os “equipamentos culturais” estão localizados nas grandes cidades e concentrados, em sua grande maioria, nas zonas de

maior poder aquisitivo, e quase todos esses bens culturais são pagos, deixando grande parcela da juventude, principalmente os jovens dos bairros populares, sem opção de lazer, privando-os de um direito que é ter acesso à cultura. Bolognese vem confirmar as observações feitas por Dayrell (2005).

... É digno, de nota, em um registro de ordem sociológica, que o circo-teatro ainda preenche as lacunas que o teatro não consegue suprir. Isso ocorre especialmente nas pequenas cidades brasileiras, desprovidas de uma sala de espetáculos. As companhias teatrais que se propõem a viajar pelo interior raramente aportam em pequenas localidades, mesmo porque elas são desprovidas de um teatro adequado. Aliás as companhias e os espetáculos itinerantes visitam somente as capitais ou as grandes cidades. No restante do país, os pequenos municípios, até mesmo em vilarejos, o pequeno circo cumpre, a seu modo, um papel que o teatro não consegue desempenhar a contento. (Bolognese, 2003 p.151).

De acordo com Dayrell (2005) e que confirma Bolognese (2003) pode-se perceber duas vertentes, uma é a falta de incentivo por parte das políticas públicas em investir nas pequenas cidades com infra-estruturas e com ferramentas culturais para fomentar as atividades culturais, a outra é a falta de interesse das próprias companhias em levar essa arte para o interior, podendo ser por falta de estrutura ou por falta de interesse, e quem sabe até por realmente acharem que as camadas populares não precisa de arte.

A pesquisa “Perfil da juventude brasileira” vem nos mostrar que o povo precisa e gosta de arte, e o circo aparece como uma das expressões culturais mais freqüentadas pelos jovens, independente da faixa salarial e do nível de escolaridade, segundo essa pesquisa, citada por Dayrell (2005, p.197), “a expressão cultural que obteve a maior freqüência de participação foi o circo, freqüentado pelo menos uma vez por 77% dos jovens.” O que torna bastante interessante é que ele aparece com alto índice de jovens que tem o circo como uma opção de lazer e cultura, sendo esses jovens de uma região

onde existem extensa ofertas de ferramentas culturais que é a região Sul e Sudeste. A procura pelo circo aparece também como opção de lazer e cultura para os moradores do campo.

Fazendo um contraponto entre essas preferências da juventude, o que diferencia uma da outra é que no campo os jovens quase não possuem opção de lazer e cultura, ao passo que a juventude da região Sul e Sudeste as opções são muitas. Percebe-se que o circo é uma arte de fácil acesso, inclusive para aqueles (as) que não estão nos grandes centros. Conclui-se que a arte circense é uma arte de fácil acesso, tanto para as camadas populares, quanto, atrativa, também, para as camadas com poder aquisitivo mais elevado.

Nesta perspectiva a EC se propõe a trabalhar com cultura popular, focada na arte circense. A escolha desta arte como instrumento alternativo de educação, além de ser uma aprendizagem que une confiança e prazer, se justifica por ser popular difundida e mais acessível à população de baixa renda.

3.2. CIRCOLando pela ESCOLA DE CIRCO DOM FERNANDO

Como já mencionamos anteriormente a Escola de Circo Dom Fernando é um programa de Extensão, coordenada pelo Instituto Dom Fernando, vinculado à Pró-Reitoria de extensão e Apoio Estudantil da Universidade Católica de Goiás. Há 11 anos está situado na região Leste de Goiânia, no Setor Dom Fernando I, atende crianças e adolescente de 07 a 16 anos oriundas das camadas populares dessa região.

A proposta se insere em uma dimensão de trabalho social e educativo fundamentada na arte circense, na inclusão social e em uma educação comunitária,

voltada para a vida. Implementa ações direcionadas à garantia e proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes e tem sua vertente focada na arte-educação.

Para a efetivação dessa proposta proporciona-se um espaço que possibilite a construção de relações efetivas saudáveis, ao mesmo tempo incentivando e criando condições de aprendizagem que favoreça a construção de sua autonomia e fornecendo elementos que possibilite o desenvolvimento de sua capacidade criativa.

Tais práticas pedagógicas acontecem por meio de um trabalho multifuncional, que integra as oficinas culturais e psicossociais, o acompanhamento às famílias e o trabalho desenvolvido com as escolas. Tendo a arte circense como aliada, uma vez que não pretendemos formar artista, objetiva-se, proporcionar às crianças e adolescentes das camadas populares, uma educação mais humanizadora e contribuindo de forma prazerosa, no processo de formação do ser humano, buscamos em Soares um aporte:

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social (SOARES, 2002,p.73).

Os adolescentes têm na Escola de Circo um espaço onde faz pleno uso de sua cidadania, pois o picadeiro é um local onde eles encontram com outros adolescentes, convivem com outros grupos, dialogam entre si, discutem e participam de decisões, pois segundo Freire (1996) é decidindo que se aprende a decidir. Local onde eles têm condições de serem eles próprios emitirem opiniões e críticas, construir próprias regras e desenvolver o sentido da cooperação, aprender e colocar em prática e seus direitos. Segundo Freitas:

A escola se torna um centro juvenil, um espaço de encontro, de estímulo à sociabilidade, à aprendizagem das regras e vivências coletivas e do exercício da participação. Todas essas dimensões são aspectos centrais da convivência humana e da cidadania (FREITAS, 2003, p.187).

Na Escola de Circo os adolescentes adquirem visibilidade, ultrapassando as lonas do circo e chegando à comunidade. É um local onde se edificam perspectivas, pois quando se ensina aos adolescentes a andarem de perna de pau, transmite-se a mensagem do equilíbrio que eles precisam, tanto para se manterem em cima das mesmas, quanto para equilibrarem nos desafios impostos pela vida.

Através da arte circense busca-se despertar as potencialidades, proporcionando espaço onde os adolescentes possam se desenvolver como pessoas e como cidadãos de direitos ajudando-os na construção de sua autonomia e no seu projeto de vida, conforme podemos constatar na fala de uma mãe: *“é saber que ele aprende não só a se divertir e a fazer sorrir, como ajuda em sua formação como cidadão”* o que confirma com a fala de um adolescente: *“minha vida mudou não somente em casa mas na minha vida pessoal”*.e outra mãe reafirma: *“faz parte da formação da criança”*.

A Escola de Circo se solidifica como um espaço de sociabilidade, uma vez que ela insere em duas dimensões enquanto “equipamento cultural” para a comunidade da região. Uma delas se apresenta como ponto de encontro para aqueles que querem somente assistir às apresentações culturais. Nesse caso, a EC aparece como um espaço de lazer e diversão, aonde a comunidade vai para assistir as apresentações culturais, os quais são apresentados por adolescentes.

Na outra vertente, abre espaço para aqueles adolescentes que querem participar efetivamente como protagonista dessa produção cultural. Para tanto, esses

adolescentes fazem a inscrição e são integrados como “alunos” regulares do Circo. Nesse caso eles (as) participam de todas as oficinas e contribuem na criação, organização, produção e divulgação dos espetáculos. Dessa forma a EC está proporcionando a todos os adolescentes atendidos um direito que é participar de lazer, educação e cultura, conforme podemos confirmar nas afirmações feitas por Brenner, Dayrell e Carrano:

Falar em direito cultural implica criar condições de produção cultural, esta compreendida como acesso a produtos, informações, meios de produção difusão, e valorização da memória cultural coletiva(BRENNER, DAYRELL E CARRANO, 2005, p. 177)

Participar de uma atividade cultural é um direito do adolescente. A EC contribui na concretização desse direito quando ela proporciona o espaço e oferece as ferramentas necessárias para a sua aprendizagem. Ao utilizar as ferramentas e ao aprender a dominar as mesmas, causa no adolescente grande satisfação, isto faz com que adquira confiança em si mesmo e passa a se sentir pertencente ao mundo circense. Dessa forma percebem que são autovalorizadas, auto-reconhecidas e conseqüentemente ficam com a auto-estima elevada, isso confirma quando a adolescente expressa o que a Escola de Circo representa em sua vida: *aprendizagem, confiança, segurança, local de conhecer e comunicar com novos amigos*. Fortalecidos nesse processo faz com que se sintam capazes de enfrentarem novos desafios, e vislumbre novas possibilidades externo ao mundo circense. Segundo FREIRE (1983:47) enfatiza que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

A Escola de Circo desempenhando papel muito importante, uma vez que proporciona aos adolescentes espaço de aprendizagem e sociabilidade. A arte circense

possibilita ao adolescente, através de múltiplas alternativas, que ele venha a descobrir suas habilidade e ao mesmo tempo que proporciona condições para que desenvolva essas descobertas e dessa forma possa ter um novo olhar para o conhecimento sobre si mesmo, “ *aprendi a fazer malabares e assim melhorei minhas habilidades e meu reflexo*”(fala de um adolescente) e “ *perdi mais ou menos a vergonha e aprendi a ajudar as pessoas.*”

3.3. Aprendizagem no picadeiro

Quando os adolescentes se inscrevem para participarem das atividades no circo, sua aprendizagem acontece por meio das oficinas culturais, que são: Arte Circense, Capoeira e Percussão e Esporte e Recreação e as Oficinas psicossociais, as quais são oferecidas por estagiários da UCG.

Perna de Pau, monociclo, arame bambo, trapézio, corda, tecido aéreo, argolas, bolinhas, rola rola, Diabolôs e entre outros são alguns dos equipamentos circense utilizados no cotidiano das atividades.

Diante de tantas variedades que o circo social oferece, como malabares, saltos, aéreos, contorcionismo, palhaço, mágica, equilibrismo, entre outras, cada jovem certamente se encanta e se encaixa em alguma delas. Há espaço e gosto para todos, para quem salta, para aquele que “voa”, para quem brinca com fogo, para quem tem extrema flexibilidade, para aquele que gosta de figurino, cenário, administração, etc (Figueiredo, 2007, p.37)

A Escola de Circo oferece várias alternativas onde todos têm a oportunidade de aprender, e o mais importante, aprender brincando e se divertindo, enfim é nesse ambiente mágico e contagiante que os adolescentes brincam de faz-de-conta que são artistas de circo e isso é percebido pelas mães, conforme relata: “*a felicidade das*

crianças na apresentação de espetáculos com a sensação de que eles são artistas e são aplaudidos”.

Para aqueles adolescentes que não querem compartilhar os momentos e preferem ficarem sozinhos, no circo eles encontram a possibilidade de praticar uma atividade individual, por exemplo: pode praticar malabarismo, pegam uma argola e vai se divertindo sozinho, mas ele não ficará por muito tempo nesse casulo, pois a partir do momento que começa a dominar o equipamento ele quer aprimorar e já começa e se enturmar com o grupo do malabarismo e socializar o conhecimento.

Dessa forma na EC respeita-se a individualidade de cada um, mas trabalha-se para formar o coletivo, uma vez que nessa sociedade capitalista, onde predomina o individualismo, é necessário que se desenvolva o espírito de coletividade, e a arte circense facilita nesse aspecto, uma vez que a maioria dos números são feitos em grupo.

Ao se formar uma pirâmide todos tem a consciência de que a confiança no colega é o sucesso do “número”, um depende do outro, então é preciso que estejam bastante conscientes de que um será responsável pelo outro, o sucesso e o fracasso serão compartilhados e a receita para o sucesso é um adolescente que passa: “ o que eu sabia ensinei aos outros” e parece que a moçada aprende mesmo, e o esforço não foi em vão, assim confirma outro adolescente:”*aprendi a dominar mais os equipamentos e tive a oportunidade de conhecer pessoas esforçada e eu aprendei o que estava ensinando”*

Se o adolescente não gosta das atividades de circo, não tem problema, pois a Escola de Circo Dom Fernando oferece outras opções que são oferecidas nas outras oficinas que são: Dança Canto, Coral, dança com corda, número de bambolê, capoeira,

percussão, maculelê, tecidos acrobáticos, violão, jogos cooperativos, futebol e brincadeiras tradicionais, mas isso ainda é pouco, pois um adolescente dá a bronca “*è preciso ter mais bola*”

Não importa qual a modalidade em que está, pode escolher uma ou várias, depende de sua preferência, o importante é que todos têm a oportunidade de fazer a apresentação no espetáculo, apresentação externa ou participar de oficina como um oficinairo. Caso o adolescente ainda não esteja preparado ainda para o espetáculo, poderá ser o contra regra, ajudar a receber o público, contribuir na confecção de adereços, fazer maquiagem, ajudar a organizar o espaço, ou pode simplesmente sentar na arquibancada e assistir a apresentação dos colegas mas veja só o que acontece quando fica somente nos bastidores ajudando “*no meio de tanta gente, só eu e o Washington para cuidar das crianças a gente ficava nervoso*”.

Para participar dos espetáculos existem as regras que eles construíram, que são : Todos precisam ensaiar (o ensaio é participar das oficinas com responsabilidade), precisa respeitar o colega, não poderá faltar nos ensaios finais, entre outros. Mais parece que vale a pena esse esforço, pois vejam o que diz um adolescentes, após um espetáculo:” *eu me senti muito feliz, por que você dá duro para aprender um número e depois você pode mostrar aos outros*”. E esse esforço também é percebido pelos pais, veja o relato de uma mãe: “*gosto muito das apresentações, pois mostra que meu filho está se empenhando em aprender*”.

As atividades culturais e artísticas que a Escola de Circo oferece têm como objetivo proporcionar aprendizagem por meio de arte e do lúdico. No circo eles aprendem, a conviver com as diferenças, a interagir, a decidir em grupo, praticando dessa forma sua autonomia. É também, um espaço para fazer amizade e dar asas à

imaginação. Através das oficinas oferecidas os adolescentes irão conhecer, dominar e familiarizar-se com os equipamentos e de forma bastante lúdica ampliar seus conhecimentos, aprendendo, inclusive, a fazerem opções. No circo eles aprendem a lidar com as próprias emoções - tanto a alegria quanto a frustração. É através das brincadeiras e dos jogos que vão aprendendo que os conflitos precisam ser resolvidos com equilíbrio, e ao trabalhar as regras dos jogos também estão tomando consciência das regras sociais.

A Escola de Circo é um espaço cultural onde a expressividade juvenil é potencializada, onde participam efetivamente como produtores e divulgadores da cultura popular, exercendo assim a sua cidadania concretamente. Os jovens apropriam do espaço e com a apresentação de sua produção cultural, que é em forma de espetáculo, eles conseguem transformar o local a que pertence e passa a ser visto como sujeito que é capaz de produzir algo e ainda levar essa produção, através das apresentações culturais e oficinas, para outros adolescentes que não tiveram as mesmas oportunidades.

Percebe-se que quando têm acesso a esses bens, e participando efetivamente, como é o caso dos adolescentes da E.C apresentam-se mais determinados (as) e confiantes, pois vão adquirindo visibilidade e encontrando elementos que contribui na construção de sua autonomia e passam a se sentirem mais seguros na tomada de suas decisões. Segundo Carrano:

No lazer é possível constituir um momento de autonomia que dificilmente se encontra em outros contextos da vida social, tais como os escolares, os familiares e os de trabalho profissional. A experimentação de determinados comportamentos nas práticas de lazer, em outras situações, seria considerada como um desvio inaceitável de conduta. Os jovens podem encontrar nas atividades de lazer as possibilidades de experimentação das múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social. O lazer é momento que permite à realidade social cotidiana ser

(re)apresentada em condições de ludicidade e fantasia (CARRANO, 2003, p.142).

3.4. A MÀGICA DO CIRCO SOCIAL: adolescentes como produtores e divulgadores de cultura

Uma proposta pedagógica centrada na arte não pode deixar de lado os aspectos festeiros, lúdicos e mágicos. É dessa forma que o resultado do trabalho é percebido junto aos adolescentes da EC, pois quando eles (as) fazem uma produção cultural e juntos produzem um espetáculo e apresentam-no para a comunidade, percebe-se que sentem mais seguros e confiantes em sua capacidade, pois além de fazerem a produção cultural e apresentarem, sabem que estão proporcionando acesso ao lazer e à diversão aos demais adolescentes de sua região, que têm na EC significativa opção de lazer. Então, para adolescentes da E.C que convivem diariamente com a escassez de lazer, saber que são produtores e divulgadores de cultura e ter possibilidade de expressar para outros, torna-se uma ação bastante significativa em suas vidas, e essa sensação é expressada na fala de um adolescente: “*é muito bom por que você primeiro apresenta e depois tem a chance de passar para as pessoas*”. Outros demonstram de outra forma: “*vergonha, mas ao mesmo tempo muita emoção e felicidade de estar presente neste espetáculo*”. Outro se sentiu: “*muito especial*”, e outro: “*bem, porque eu me esforcei para apresentar todos esses números*”. Através desses relatos podemos perceber que cada um reage de uma forma, mas dá para perceber a importância que a arte representa em suas vidas, e isto são elementos importantes que vão ajudando-os na construção de sua identidade. .

A escola de circo se apresenta como um espaço de encontro para jovens, uma vez que no circo eles têm oportunidade de se encontrarem e realizarem atividades em conjuntos. É nessa convivência diária que a relação vai se solidificando gradativamente, e contribuindo na construção de sua identidade, conforme já vimos na discussão anterior quando citamos Campos (2002, p.89) no que se refere a importância quando os adolescentes se juntam com outros de seu mesmo grupo.

Para a produção do espetáculo são vários jovens que se reúnem para formar um mesmo número, o qual será apresentado posteriormente, portanto a sintonia desse grupo é essencial para o sucesso dessa apresentação. Dessa forma surge involuntariamente uma identidade coletiva, onde um depende do outro, fortalecendo assim suas relações que são extensivas para além do circo:

Ainda que as amizades sejam relações de natureza privada entre sujeitos particulares em contexto de ações coletivas ou não, os espaços de convivência pública são indispensáveis para a criação de condições sociais favoráveis ao estabelecimento de redes de amizades (BRENNER, DAYRELL; CARRANO. 2005, p .209).

“Um lugar acolhedor e educativo muito importante para a formação do caráter da criança (fala de uma mãe)” “ é onde aprendemos várias coisas interessantes e fazemos novas amizades(fala de um adolescente). De posse desses relatos de pessoas que tem legitimidade para falar é que podemos afirmar assim que a Escola de Circo proporciona e potencializa as condições para que os adolescentes tenham uma educação realmente diferenciada, um local onde possam realmente vivenciar seus direitos, divertir e um importante lugar de socialização, onde tem condições participam de lazer e de outras ações culturais, incentivando e fomentando a cultura popular vejam a observação de uma mãe: “a partir do momento que os educadores oportunizam atividades em grupos e de forma lúdica e sempre dando a autonomia para que eles se

expressem e opinem, estamos estimulando todos itens que é sociabilidade, criatividade e pensamento crítico.” A escola de Circo valoriza as experiências anteriores, ao mesmo tempo em que abre espaço para acolher os grupos os quais eles pertencem e que querem apresentar-se no picadeiro. Procura dessa forma, ser um espaço de cultura e lazer onde os jovens têm condições de ser eles mesmos, de interagirem com outros, ampliando seu ciclo de amizade e participando de atividades educativas e culturais e exercendo de fato seus direitos que é ter acesso à educação, lazer e cultura.

CONCLUSÃO

Esse trabalho fez-me refletir a importância da arte circense enquanto ferramenta pedagógica e a transformação que ela causa na vida de quem a vivencia. Foi na busca por material para pesquisa que me possibilitou conhecer melhor a proposta da Escola de Circo e perceber que ela está inserida dentro da proposta do Circo Social. Percebi a existência de muitos projetos que trabalham na perspectiva de Circo Social e que é uma ferramenta muito importantes para ser desenvolvida junto com adolescentes e jovens das camadas populares.

A arte circense possui um potencial extraordinário e de importância relevantes no trabalho com os adolescentes, pois em suas múltiplas facetas está o constante desafio, uma vez que no circo existe o risco, e o risco fascina o adolescente. Se por um lado está o risco, por outro o circo propõe a superação, pois se o adolescente sente o desafio ele quer, por prazer ou por contestação, superá-lo. Nas atividades propostas ele tem condições de superar o próprio limite, inclusive do corpo. Mas para conseguir essa superação precisa de muita disciplina, perseverança e concentração nos ensaios. Isso exige dele uma postura, e o enfrentamento das regras que a própria dinâmica da

atividade impõe, pois se não ensaiar, não aprende. Ninguém pode fazer por eles, não pode “passar a perna” no professor e copiar a tarefa. É o enfrentamento dele com ele.

Quem trabalha com arte circense percebe a importância que essa arte possui enquanto canal de comunicação entre os adolescentes e a comunidade. A promoção de espetáculo, nos quais o adolescente é o artista, passa a ser uma forma de diálogo entre eles. Através dessa linguagem, ele tem condições de passar para aqueles que estão assistindo que ele é um sujeito de direito e que possui competência, não a competência lógico-matemática e lingüística como é exigido na escola formal, mas de outras competências que são importantes na construção de seu projeto de vida.

Mas apesar da beleza do projeto e a importância dessa arte no desenvolvimento integral dos adolescentes, percebe-se que existem alguns problemas que não poderiam deixar de mencionar.

Por mais que se fala que a base do trabalho pedagógico é de uma relação dialógica, onde os adolescentes têm no picadeiro espaço para se expressar, pode-se perceber que ainda não se dá de forma expressiva, uma vez que o adolescente tem muito que dizer e necessita de um tempo maior junto aos educadores para usufruir desse direito. Por sua vez o projeto não tem em seu quadro de funcionários educadores suficientes para atender aos adolescentes de forma satisfatória. Falta inclusive assistente social e psicólogo que deveria atuar, diariamente, dentro da Escola de Circo.

Outra questão que dificulta a realização do trabalho, e não deixa de ser preocupante é a falta de espaço físico e condições digna de se desenvolver esse projeto, uma vez que a lona está danificada e o calor dentro dela é insuportável, não tem um local adequado para passar um filme, não tem aparelho de DVD, não tem uma filmadora para filmar a riqueza dos ensaios e muito menos filmar as apresentações

culturais. Pode-se constatar que essa observação também é feita por estagiários: *“muita coisa tem que ser melhorada, como a construção de uma copa maior, sala para realização das oficinas, reforma da lona, instrumentos e roupas.”* e veja só o que esse observou: *“o calor é insuportável, a iluminação é péssima, e se chover as atividades são interrompidas porque a estrutura está abalada”*.

Não existe um figurino adequado para a apresentação, uma vez que esse figurino ainda é da época da inauguração do circo há 11 anos. Com essa escassez de figurino, muitas vezes há a conflito entre eles na escolha das roupas, pois ninguém quer aparecer mal vestido, ou com uma roupa que não tem nada a ver com a apresentação. Tendo em vista essa escassez, as suas apresentações perdem um pouco de sua beleza, uma vez que as roupas já estão bastante velhas, descoradas e muitas vezes pequenas para os adolescentes.

Mas eles não têm opção de escolha, então é preciso que haja uma negociação de quem irá ficar com a determinada roupa. Apesar desses problemas, pudemos notar que ninguém quer ficar sem apresentar, todos vão para o picadeiro. É certo que eles apresentam com as roupas velhas, mas, como cidadão que sabem de seus direitos eles fazem um apelo: *“é preciso melhorar a estrutura do circo, dos equipamentos, comprarem roupas novas, maquiagem e acessórios”*.

Mas apesar dessas dificuldades durante as observações da pesquisa ficou claro que o adolescente gosta muito de apresentar, pois se sentem capazes de fazerem algo importante e mostrar para outros a sua capacidade de aprender, sente-se feliz e começa a acreditar neles próprios, Outro ponto importante, é que desperta no adolescente é a vontade de procurar outros tipos de esporte e de arte, desperta a vontade de pesquisar sobre o circo e de conhecer outros circos, inclusive alguns

adolescentes já se apresentaram em circo tradicional que se encontrava na região. Segundo relato dos professores, quando a escola promove algum tipo de manifestação cultural, os primeiros a apresentarem propostas são adolescentes do circo.

Percebe-se que eles aprendem não é somente manusear os equipamentos e fazer as apresentações, existem os valores que são repassados para os adolescentes e que faz parte da filosofia da escola. Isso é percebido nas atitudes dos adolescentes em seu cotidiano, com relação a essa aprendizagem fica muito claro em uma entrevista concedida por um adolescente em um jornal local : *"O circo ajuda a gente a crescer como pessoa."* (O Popular 17/02/08).

A partir de sua inserção no circo vêem a importância do trabalho coletivo, de se praticar o respeito com o próximo, vê a importância de se ter as regras e de sua participação na construção das mesmas.

Pelos relatos dos educadores e as avaliações feitas pelos pais, percebe-se que a construção dessas regras foi possível diminuir os conflitos. Acabar seria quase que impossível, uma vez que cada pessoa tem seu jeito próprio de entender e compreender o processo e tem o direito de aceitação ou não do que já está construído durante a história da Escola de Circo, mas nas falas deles percebe que houve mudanças significativas: *"o meu relacionamento melhorou com os povos da rua"*-, *"Eu fiquei mais legal"*. Note o que uma mãe percebeu: *"meu filho melhorou muito o comportamento, principalmente a questão do respeito ao próximo."* E outra: *"desenvolveu no colégio, no comportamento em casa e com as pessoas"*.

Mas o que sustenta e ilumina esse trabalho é que a maioria dos adolescentes aceita dialogar e discutir os problemas juntos com os educadores e coordenação. Outro aspecto essencial é a equipe que desenvolve o trabalho, são pessoas comprometidas e

que acreditam no potencial pedagógico que a arte circense proporciona, e tem prazer em ensinar. Isso é constatado em uma fala: *“ele é o melhor, por que ele nos ajuda a firmar naquele número, e quer a gente sempre cresça e isso dá muito incentivo para nós”*. E outra voz : *“ela é muito criativa e isso é muito bom por que ai ela nos ajuda muito.”* Outro já afirma *“eu posso confiar”*.

Nota-se que a relação entre educador e educando é boa, os educadores procuram conversar com os adolescentes e tentam fazer o que podem dentro de suas possibilidades. Mesmos assim notamos durante esta investigação que há uma necessidade de uma formação continuada com os educadores, para aprofundar estudos sobre adolescentes com as quais lidam, e dessa forma qualificar mais a prática.

Acreditamos que esse trabalho, possa vir servir de pesquisa, não somente para acadêmicos, que buscam na Escola de Circo, um local para estágio e conclusão de curso, mas também para outras pessoas que queiram saber mais sobre essa arte milenar e sua importância na transformação da vida, não somente de adolescentes, mas de todos as pessoas que tem a oportunidade de conhecer uma proposta de circo social.

No entanto sabemos que o espetáculo não pode parar, assim como também acredito que as pesquisas referentes ao circo social também não. O projeto Escola de Circo, e sua história de 11 anos vêm confirmar a esta constatação.

Mas para sua continuidade é preciso que a Universidade Católica de Goiás valorize ainda mais esse projeto, pois acreditamos que ela seja a única Universidade do Brasil a ter como programa de extensão uma escola de Circo. Vários estagiários que passam diariamente pela Escola de Circo também acreditam no potencial pedagógico

da arte circense, e um deles foi muito categórico ao deixar este relato ao termino de seu estágio na escola: ***“A direção da UCG deveria olhar com mais interesse neste projeto, pois é muito bonito e com certeza vai mudar a vida de muitas dessas crianças. Invistam na continuidade deste projeto e ele será conhecido mundialmente”.***

A escola de Circo é um campo vasto de pesquisa e extensão, no entanto ela ainda não é divulgada/ reconhecida para dentro da UCG, como realmente deveria ser. E por ainda não ter esse reconhecimento, alguns departamentos que a meu ver teriam que adotar o circo como um campo específico de estágio. Acredito que ainda “não acordaram” para a importância desse espaço, cito o departamento de educação, que ainda não valoriza a beleza e a riqueza da educação não formal, e o departamento de educação física que ainda não percebeu a riqueza que a circo pode proporcionar como campo de estágio para os acadêmicos desse curso. A Escola de Circo é um campo fecundo não somente para esses departamento mas para toda a universidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ABRAMO, Helena Wendel, BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). Retratos da Juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. Instituto Cidadania. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2005.

BOLOGNESI, Mário Fernando. Palhaços, São Paulo: editora UNESP, 2003.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da Adolescência. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes e cidades educadoras. Petrópolis. 2003. Editora vozes.

CARVALHO, Alysson; PINTO, Mércia Veloso. Adolescência (s): Identidade e formação humana. In: CARVALHO, Alysson, SALLES, Fátima e GUIMARÃES, Marília (org). Adolescência. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2003.

DAYRELL, Juarez. Escola e culturas juvenis. In: FREITAS, Maria Virgínia; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). Políticas Públicas: Juventude em pauta. São Paulo: Cortez; Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert, 2003.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Adolescência (s): Identidade e formação humana. In: CARVALHO, Alysson, SALLES, Fátima e GUIMARÃES, Marília (org). Adolescência. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2003.

Estatuto da Criança e do Adolescente – lei federal nº 8.069/1990

FIGUEIREDO, Carolina machado de Senna. As Vozes do Circo Social. Dissertação de Mestrado junho 2007, Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

_____, *Medo e ousadia: O cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____, *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 29ª ed.1996.

GRACIANI, M.S.S. *Pedagogia Social de Rua*. São Paulo: Cortez, 1997.

JESUS, Manoel Alves (Sapequinha). *Picadeiros da Infância segredos da arte do circo no protagonismo infanto-juvenil de crianças e adolescentes das camadas populares: práticas alternativas para uma nova abordagem pedagógica*. Trabalho monográfico dezembro 2007, Curso de artes cênicas da Escola de música e artes cênicas da Universidade Federal de Goiás.

Mapa de exclusão / inclusão social de Goiânia - 2004

NETTO, Samuel Pfromm. *Psicologia da Adolescência*. São Paulo: Livraria Pioneiro Editora, 1974.

OZELLA, Sérgio (org). *Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez: 2003.

Plano de Gestão 2003-2006 - Instituto Dom Fernando – 2003.

Projeto – Escola de Circo: protagonismo e inclusão social de crianças e adolescentes – julho 2006

QUEIROZ, Edna M.O.; Elza Guedes. *Retratos da juventude goianiense*. Goiânia:verbo/Prefeitura de Goiânia, 2001.

REGO, Tereza cristina. VYGOTSKY : uma perspectiva histórico-cultural da educação – Petropolis, RJ: Vozes, 2004.

SILVA, Ermínia. O circo “- sua arte e seus saberes – o circo no Brasil no final do século XIX e meados do XX. Dissertação Mestrado Março 1996, Departamento de Historia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

SILVEIRA, Cléia J. (org) Rede de circo do Mundo Brasil: uma proposta metodológica em rede. Rio de Janeiro: Fase, 2003. (várias reportagens).

SOARES, Magda. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: ática, 2002.

VIANA, Nildo e VIEIRA, Renato Gomes (org). Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola. Goiânia: edições Germinal,2002.